

# DE JORGE AMADO A EVEL ROCHA: A JUVENTUDE MARGINALIZADA EM LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Henrique FONSECA\*

- **RESUMO:** Este artigo tem por foco as formas da precariedade e da violência física e simbólica que recaem sobre uma parcela marginalizada da juventude, em quatro romances de língua portuguesa, protagonizados por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: *Capitães da areia*, de Jorge Amado; *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes; *O meu nome é Legião*, de António Lobo Antunes e *Marginais*, de Evel Rocha. Cada um desses romances, ligados a contextos históricos e geográficos específicos, apresentam aproximações e distanciamentos entre si. O apontamento de possíveis interações e convergências entre essas obras, pelo viés de análise ora proposto, traz à luz questões como: a relação entre o romance nordestino de 1930 e o neorrealismo português; as reverberações do modernismo brasileiro em Cabo Verde e as interfaces da herança colonial, expressas nessas literaturas a partir de suas singularidades discursivas sobre a marginalidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Marginalidade juvenil. Jorge Amado. Soeiro Pereira Gomes. António Lobo Antunes. Evel Rocha.

## Introdução

Parte de um estudo mais amplo sobre as relações existentes entre a literatura regionalista nordestina dos anos 1930 e o Neorrealismo português, bem como suas reverberações contemporâneas nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, este artigo tem por foco a questão do abandono e da marginalidade de crianças e adolescentes em quatro romances de língua portuguesa. Seja por serem os primeiros a lidar com este tema em seus respectivos contextos, seja por trazerem à luz os problemas sociais advindos da industrialização, da globalização e da consolidação do sistema capitalista, essas obras apresentam inúmeros pontos de contato, fazendo

---

\* Professor Doutor pelo PPGEL - UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Em Estágio de Pós-doutorado: PPGELIT ILEEL da UFU - Universidade Federal de Uberlândia - MG – Brasil. 38408-144 - carlos.fonseca@ufu.br

emergir a marginalidade juvenil como um eixo temático em que se apoiam questões como a violência, a sexualidade, a erotização, o descaso governamental e os abusos de toda ordem, mas também a formação de núcleos alternativos de resistência, apoiados na ajuda e na proteção mútuas dos diferentes grupos que habitam suas páginas.

Como afirma Mário Cesar Miranda Melo, da *Brigham Young University*, no seu trabalho *As crianças invisíveis na Literatura Brasileira* (2009), a sociologia faz uma distinção entre crianças *de rua* e crianças *na rua*. Como veremos, nossos personagens se situam entre estas duas categorias e, às vezes, as transpõem. Nas Ciências Sociais, há uma quantidade enorme de trabalhos sobre abandono infantil, crianças de rua e nas ruas, mas são poucos os trabalhos no Brasil que tratam do tema das crianças excluídas, marginalizadas e subalternizadas, na literatura. Mesmo o clássico livro de Roberto Schwarz *Os pobres na literatura brasileira*, de 1983, não fala de crianças, curiosamente a obra de Jorge Amado sequer é mencionada.

É importante ressaltar que, com a própria ascensão do gênero romance na literatura mundial, a criança tem efetiva relevância a partir do século XIX, e aí citamos como exemplos *Oliver Twist*, de Charles Dickens, publicada inicialmente, em 1837, ou *Les Misérables*, de Victor Hugo, de 1862. Todo este desenvolvimento encontra suas bases na revolução industrial, na ascensão do sistema capitalista em nível global, bem como no novo entendimento que passariam a ter a infância e a adolescência. Em termos históricos, é importante lembrar que essas categorias passaram a ser discutidas muito recentemente. No caso da literatura brasileira, ponto de partida deste trabalho, houve algumas aparições de crianças, sofredoras e submissas, em contos esparsos. Obviamente, vez ou outra, crianças faziam parte do conjunto de personagens, mas só em 1922, com a publicação do romance *Dentro da Vida*, do quase esquecido escritor e médico sergipano Ranulpho Prata, mencionado por Luis Bueno no seu livro *Uma história do romance de 30*, como precursor do romance de 1930, vamos ter o primeiro romance onde o tema das crianças vivendo nas ruas aparece. Outro texto narrativo relevante, anterior à aparição das obras de que vamos tratar, é o conto de Mário de Andrade “Piá não sofre? Sofre”, de 1923. O conto traz a história de Paulino, uma criança pobre, um filho de quatro anos, de uma italiana com um presidiário. Infeliz com as agruras da vida, a mãe espanca recorrentemente o menino. Neste conto de Mário de Andrade, a crueldade familiar aparece de modo contundente: “Paulino é o mais indefeso do grupo social de que faz parte, e todos descarregam a própria revolta nesta criança” (MELO, 2009, p. 26). A partir da década seguinte, ocorrerá uma grande mudança, quando, a partir do romance *Jubiabá*, de 1935, surge um novo protagonismo destes personagens marginalizados.

Traçado este breve pano de fundo, é importante lembrar que, ao longo do século XX, surgirão obras de grande relevância que tratam do tema da condição marginal de crianças e jovens, especialmente no que se refere à literatura brasileira.

Destacamos, neste sentido, as obras *Infância dos mortos*, de José Louzeiro, lançada em 1977, durante o período da ditadura militar no Brasil e *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, lançada em 1997. Esses romances, escritos num intervalo de 20 anos, resultam, respectivamente, de uma investigação jornalística de José Louzeiro sobre o caso dos 97 meninos lançados nus, depois de horas de tortura, num precipício de beira de estrada, na cidade mineira de Camanducaia, e de um estudo socioantropológico de Paulo Lins sobre sua experiência de morador da comunidade Cidade de Deus. O romance de Louzeiro deu origem ao famoso filme de Hector Babenco, *Pixote: a lei do mais fraco*, de 1980, e o de Paulo Lins, ao aclamado filme homônimo de Fernando Meirelles. A despeito de sua importância, estes romances são apenas mencionados aqui, em decorrência dos limites de um artigo. Contudo, são parte constitutiva da nossa pesquisa.

Passamos agora aos romances aqui confrontados, que são: *Capitães de Areia*, (1937), de Jorge Amado; *Esteiros*, (1941), de Joaquim Soeiro Pereira Gomes; *O meu nome é Legião* (2007), de António Lobo Antunes e, por fim, *Marginais*, (2010), de Evel Rocha. Compõem nosso *corpus*, portanto, e respectivamente, um romance brasileiro, da primeira metade do século XX, dois romances portugueses, sendo um também da primeira metade do século passado e o outro já dos anos 2000, assim como o romance mais recente, do escritor caboverdiano Evel Rocha.

Nosso estudo tem início com algumas considerações sobre a importante contribuição da literatura regionalista do Nordeste do Brasil, dos anos 1930, correspondente à segunda fase do Modernismo brasileiro e, em especial, o lugar de destaque que assume o pioneirismo do escritor Jorge Amado. Antes de nos debruçarmos sobre as obras, trazemos algumas problematizações sobre a visão da criança e do adolescente na literatura, especialmente em relação à chamada “delinquência” e suas singularidades em diferentes momentos históricos. No terceiro momento, são apresentadas, em ordem cronológica, algumas características discursivas de cada romance e, por fim, as considerações acerca de aproximações e distanciamentos existentes entre eles.

## **O Regionalismo de 1930 e o pioneirismo de Jorge Amado**

Quando usamos o termo regionalismo, é importante considerar seu desenvolvimento histórico. Ter a noção de que lhe são atribuídos diferentes sentidos na história da literatura brasileira. Com o advento do romance brasileiro, no século XIX, acompanhando a formação e expansão dos novos centros urbanos, surgia uma primeira oposição em relação ao papel que o romance cumpriria na construção de uma identidade nacional brasileira: a oposição entre o campo e a cidade. Inicialmente, portanto, o regionalismo se referia às literaturas que tinham por tema o interior do Brasil. Segundo Guadagnin (2007, p. 10-11), “a partir dos anos 1870, especialmente, polêmicas instalaram-se entre intelectuais e escritores

pelo debate sobre as melhores realizações regionalistas. [...] O que estava em jogo, no fundo, era uma discussão sobre a identidade nacional.” Este autor lembra ainda ter ocorrido uma grande virada na produção literária regional, somente na passagem do século XIX para o XX, momento em que se eleva o valor literários das obras, até então marcadas pelo caráter pitoresco e exótico. Expresso, inclusive, por escritores que escreviam sobre regiões que sequer conheciam ou viviam. Mas outros fatores contribuíam para o desprestígio da literatura regional, naqueles tempos:

Outra possível razão para a literatura regionalista ter sido considerada secundária, é o atraso social, político e econômico explicitado pelos textos. Numa terra em que o bom era copiar a Europa, apresentar os problemas das regiões mais remotas do Brasil, era demonstrar que o país não só sofria com o atraso, mas, de certa forma, o exaltava, dada a pureza que alguns escritores reivindicavam para a literatura nacional, ou seja, uma literatura sem influência estrangeiras (GUADAGNIN, 2007, p. 11).

Literatura regional, portanto, é um conceito de múltiplos sentidos e alcances. Sua relevância para literatura brasileira é, sem dúvida, inquestionável. Se o seu auge foi alcançado com a narrativa de Guimarães Rosa, de modo mais notório com *Grande Sertão: veredas*, de 1956, os escritores nordestinos da década de 1930, sob as luzes e questões lançadas pelo Movimento Modernista, transformavam a literatura regional, de uma exaltação do exótico e do pitoresco para aquilo que Antonio Candido sintetizou como sendo a consciência do subdesenvolvimento. A partir deles, o objetivo seria evidenciar as injustiças sociais, negligências e descasos governamentais, sob o diapasão do pensamento marxista, trazendo uma nova perspectiva social e configurando um modelo de resistência à exploração capitalista.

Em Portugal, a literatura regional brasileira dos anos 1930 cumpria com o papel de dar sentido aos acontecimentos históricos do Brasil, revelando ser muito mais do que mera divulgação dos autores brasileiros, mas inspiração e modelo de oposição adotado pelos autores da primeira fase do Neorealismo naquele país<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sobre a influência de Jorge Amado no Neo-realismo português, informa-nos Carlos Reis: “O Neorealismo português deve muito de sua identidade periodológica à sua condição transnacional. Ou seja: não constituindo uma ocorrência endógena ao sistema literário português, ele alimenta-se sobretudo do exemplo e da doutrina dos movimentos literários afins e precedentes, reiterando aquela que tem sido uma tendência característica da história cultural e literária portuguesa em várias épocas: a forte atração por modelos estrangeiros, uma atracção que corresponde a um impulso de internacionalização próprio das culturas que vivem a consciência aguda de uma condição periférica. É justamente essa condição periférica que se deseja compensar pela via da importação cultural, nesse caso com a predilecção pelo realismo socialista soviético, pelo chamado realismo nordestino brasileiro e mesmo por alguma ficção norteamericana dos anos 20 e 30”. (REIS, 2005, p. 13).

Neste contexto, é inegável o lugar singular do autor de *Capitães da areia*. Algo que corroboram as palavras de Vania Pinheiro Chaves (2015, p. 11-12): “Muitos escritores e críticos literários consideram que Jorge Amado influenciou, mais do que qualquer outro autor, a gênese e o florescimento do Neorrealismo português”. Além disso, segundo Edvaldo Bergamo (2008, p. 97): “A ficção neo-realista procurava um novo rumo para o romance português, e a obra de Jorge Amado apresentava um caminho, uma possibilidade de conciliar realização artística e comprometimento político”. Quais seriam as características da literatura do escritor baiano que, além de compartilhadas com outros autores do regionalismo nordestino, eram relevantes para a consolidação da escrita do neorrealismo português, especialmente de sua primeira fase? Em seu estudo profundo e cuidadoso, intitulado *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo português* (2008), Edvaldo Bergamo (2008, p. 72-73) diz que a escrita engajada, e até mesmo militante do autor, tinha como características:

Ênfase em personagens, trabalhadores ou marginais, que adquirem consciência da opressão e passam à ação revolucionária; romance de sentido abertamente político, impelido pela denúncia de uma realidade social injusta e desigual; opção pela convenção realista na condução do enredo, na descrição do espaço e no posicionamento do narrador. [...] A voz narrativa manifesta uma evidente adesão ideológica ao ponto de vista do espoliado.

No escopo deste estudo, portanto, trata-se de uma literatura modelar e inspiradora, não só para o Neorrealismo português, mas também para pensadores, escritores e ativistas de outros países, e especialmente para aquelas que eram, ainda, colônias portuguesas em África. Como afirma Emerson Inácio (2012, p. 44), e adiantando um pouco nossa discussão, é preciso considerar que existem “interações literárias entre Brasil e Cabo Verde a partir não só da perspectiva modernista e antropofágica”. As características supramencionadas na citação de Edvaldo Bergamo estarão presentes, em intensidades e formas específicas, no colonial e no pós-colonial dos países africanos de língua portuguesa. O olhar interessado desses países para o Brasil devia-se, antes de tudo, à primazia de sua independência em relação à metrópole comum, que manteve sobre eles o julgo colonial até o terceiro quartel do século XX.

A presença de Jorge Amado na literatura portuguesa já é um tema amplamente estudado, resultando em uma fortuna crítica imensurável. Em 2012, as celebrações do centenário de nascimento do autor culminaram na realização articulada de dois colóquios internacionais, realizados no Brasil e em Portugal, integrando universidades e centros de estudos de literatura de ambos os países<sup>2</sup>, com vistas

---

<sup>2</sup> “Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade

a reconhecer e exaltar a obra amadiana em todo seu alcance. O primeiro colóquio foi realizado nas dependências da Universidade Estadual de Santa Cruz, na Bahia, tendo por tema História, Literatura e Cultura. O segundo, em Vila Franca de Xira, Coimbra e Porto, realizou-se com a rubrica O Escritor, Portugal e o Neorrealismo. É digno de nota o alcance interdisciplinar dos estudos realizados sobre a obra do autor, o que reafirma sua posição como um dos responsáveis pela criação e pela disseminação da cultura e da identidade brasileiras pelo mundo.

Escritor e militante político, Jorge Amado viveu na pele e em suas páginas suas escolhas e lutas. Daí a inseparabilidade entre o social, o histórico e o literário quando mencionamos o escritor e sua obra. Como testemunham as palavras de Vania Pinheiro Chaves (2015, p 10), no livro que resultou o colóquio em terras portuguesas:

Nunca será demais recordar que Jorge Amado é, desde a sua aparição até hoje, o escritor brasileiro mais conhecido, editado e lido em Portugal, bem como aquele que mais vezes visitou o país e o que mais amplas e profundas ligações manteve com as suas gentes. Ainda que, durante a ditadura salazarista, ele fosse um “escritor maldito” para as autoridades portuguesas e as suas obras não pudessem ser vendidas em Portugal, elas foram lidas e divulgadas de forma clandestina.

Num diálogo com Adolfo Casais Monteiro e com Antonio Candido, Edvaldo Bergamo (2008, p.102), destaca o quanto o lirismo de Jorge Amado, aliado a um “arrebamento político sem precedentes”, conquista os leitores portugueses por revelar, por exemplo, uma “dialética entre documento e poesia”, comprovando a “vocação social” de seus romances. Para o que aqui nos interessa, estas características estarão presentes naquele “romance de intervenção”, forma com que Evel Rocha define *Marginais*, mas também serão marca do romance neorrealista *Esteiros* e da escrita pós-modernista polifônica de António Lobo Antunes, no romance de 2007.

## **Infância e a adolescência como algo novo**

O horizonte reflexivo das relações entre literatura e sociedade é marcado pela interdisciplinaridade, já que se encontram aqui, no campo narrativo, a história, a

---

de Lisboa; do Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em parceria com o Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira); da Academia Brasileira de Letras, da Missão do Brasil Junto à CPLP e da Universidade Estadual de Santa Cruz, através dos Departamentos de Letras e Artes (DLA), Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), do Mestrado em Letras Linguagens e Representações e do Grupo de Pesquisa Estudos do Atlântico e Diáspora Africana”. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/eventos/coloquio-internacional-100-anos-de-jorge-amado/> Acesso em 12/05/2023.

sociologia, a psicologia e outras áreas que podem auxiliar na busca deste lugar específico, ocupado pela criança e pelo adolescente, postos à margem da sociedade na qual nunca são efetivamente inseridos, mas sim, vistos de modo estigmatizado, a partir das noções de abandono e delinquência. Seja por meio dos temas, personagens ou discurso narrativo, o romance está sempre carregado de seu tempo, de seu contexto. Com base nas palavras de Roberto Schwarz (1983, p. 07): “Basta não confundir poesia e obra de ciência, e não ser pedante, para dar-se conta do óbvio: que poetas sabem muito sobre muita coisa, inclusive, por exemplo, sobre a pobreza”. Entendemos que, da mesma forma, esses poetas sabem muito sobre a infância e a adolescência desta mesma pobreza. Curiosamente, o livro do qual essas palavras são tomadas de empréstimo, *Os pobres na literatura brasileira*, não apresenta nenhum estudo especialmente dedicado à criança ou ao adolescente<sup>3</sup>, cuja existência fosse marcada pela miséria e pelo abandono, mas sim, trabalhos que falam da mulher, do idoso, do imigrante e outros personagens a quem são imputadas diferentes formas de subordinação ou marginalização. É necessário considerar, entretanto, o quanto o próprio reconhecimento da infância e da adolescência são fatos históricos recentes:

A adolescência enquanto fenômeno de transição entre a infância e a fase adulta teve sua construção no período entre o final do século XIX e meados do século XX, demarcada pela convergência de fatores sociais, culturais, econômicos, educacionais e científicos (BRUNS, 2016, p. 249).

Dentre essa convergência de fatores, vale ressaltar, há pontos em comum no que se refere à base material sobre a qual se assentam essas histórias. Os espaços habitados pelos menores dos quatro romances aqui cotejados são lugares quase sempre inóspitos e provisórios, contudo, isso não os impede de desenvolver uma identidade em relação a eles. Ainda que enfrentem todas as dificuldades possíveis e vivam entre o sonho e o enfrentamento do real, são capazes de se reconhecer enquanto grupo e ter desenvolvida uma noção de pertencimento. Um pertencimento sempre relativizado, pois sofrem, de diferentes formas, de um mal comum: um corpo subalternizado. Falando-se especificamente dos romances mais distanciados em termos temporais, o de Jorge Amado e o de Evel Rocha, esse mal comum ganha outras nuances, atuando sobre eles o que Emerson Inácio (2013, p. 44) se refere como “O domínio do corpo do colonizado”. Um corpo que sofre diferentes formas de violência física e simbólica. Um corpo explorado por turismos de todo tipo, precocemente sexualizado, equivocadamente explorado

---

<sup>3</sup> A exceção poderia ser mencionada acerca do texto de Vera Maria Chalmers e sua análise do conto Gaetaninho, do livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado, lançado em 1927.

em trabalhos pesados e perigosos ou estigmatizado por possíveis deficiências e particularidades físicas.

### ***Capitães da Areia: o protagonismo juvenil entre o trapiche e as ruas da Bahia***

O romance *Capitães da areia*, lançado em 1937, traz a narrativa de um grupo de “crianças abandonadas que viviam de furto” (AMADO, 1998, p. 21). Mais de uma vez, lemos que o grupo é formado por mais de cem crianças “sem pai, sem mãe, sem mestre” (AMADO, 1998, p. 38) que habitavam um trapiche, também abandonado, e habitavam as ruas da cidade da Bahia, como é chamada a cidade de Salvador. São, de fato, crianças de rua.

Nas primeiras páginas, encontramos as “cartas à redação”. Um conjunto de seis textos e uma matéria publicitária, capaz de revelar as falhas sociais e a corrupção da capital baiana. Nele, contrapõem-se os discursos da imprensa, do juizado de menores, da polícia e da mãe de um interno do reformatório. São várias denominações estigmatizantes com que são descritos os menores. Segundo Edvaldo Bergamo (2008, p. 126): “os textos jornalísticos, de fato, funcionam majoritariamente como expressão ideológica das classes dominantes, que não contam com a simpatia da voz narradora”. Ou seja, há um narrador que se posiciona frente à condição dessas crianças, de forma a demonstrar o grande descompasso entre o que se espera da infância e o que a sociedade lhes reserva. O narrador, dessa forma, realiza uma denúncia social e ao mesmo tempo apresenta de forma positiva o universo marginal dessas crianças com lirismo e comoção arrebatadores, como na história do Grande Carrossel Japonês: “[...] o carrossel girava com as crianças bem vestidas e aos poucos os olhos dos Capitães da Areia se voltaram para ele e estavam cheios de desejo de andar nos cavalos, de girar com as luzes. Eram crianças, sim [...]. (AMADO, 1998, p.73).

Pedro Bala, Sem Pernas, Gato, Professor, Boa Vida, Volta Seca, Pirulito, são alguns dos apelidos com os quais conhecemos o grupo dos meninos. Usualmente, apelidos são formas de estigmatização a partir de alguma característica física, psicológica ou moral, ou mesmo associadas a algum acontecimento marcante na história pessoal das personagens. Apelidos que trarão uma espécie de identidade alternativa, um tipo de proteção, ao mesmo tempo em que constituem formas de violência simbólica, pois reduz os indivíduos que os carregam. Esse recurso, muito usado ao longo da narrativa, também será traço recorrente nos demais romances ora estudados.

Outra condição compartilhada entre os romances, que nos parece ser digna de nota, é a precocidade da vida sexual dos meninos. Relacionavam-se com velhas prostitutas, com “negrinhas de dezesseis anos para derrubar no areal” (AMADO, 1998, p. 34), ou mesmo tinham constantes situações homoeróticas entre eles, como o desejo de Boa-vida pelo recém-chegado Gato:



Boa-Vida achava-o decididamente lindo. [...] quis aproveitar os agradecimentos do outro para iniciar sua conquista. E baixou a mão pelas coxas do Gato, que se esquivou só com o jogo do corpo. O Gato riu consigo mesmo e não disse nada (AMADO, 1998, p. 33).

As mulheres e os “pederastas”, termo frequentemente utilizado para se referir aos homossexuais, especialmente os passivos, ocupam, quase sempre, uma posição secundária no romance, submetidos à ação dos protagonistas, que neste romance de Jorge Amado, são os homens, formando uma robusta irmandade. Mesmo no diversificado jogo de forças e nas constantes disputas que a vida cheia de aventuras pelas várias paisagens da capital baiana lhes proporcionava, havia entre esses personagens uma forte senso de proteção e solidariedade que, de certa forma, edificava-os moralmente, colocando-os num nível mais elevado do que a própria sociedade em que viviam: vergonhosa, injusta e incapaz de entendê-los.

O romance termina com Pedro Bala se tornando, assim como seu pai, um líder grevista, ator consciente da classe trabalhadora explorada, agente da revolução, essa “voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados” (AMADO, 1998, p. 255). Nas últimas linhas, o narrador compara os negros atabaques a clarins de guerra. O romance termina, portanto, com um discurso nitidamente panfletário. O primeiro Jorge Amado ostentava com convicção seus ideais políticos, e os jovens do romance evidenciam isso. Esse ativismo político é o que fará de Jorge Amado um modelo para o Neorrealismo português.

### ***Esteiros e a produção desumana do trabalho infantil***

Se na obra do escrito baiano, as tensões são vividas no espaço físico e social da cidade de Salvador, na obra *Esteiros*, de Joaquim Soeiro Pereira Gomes, publicada em 1941, um dos elementos organizadores da narrativa são as estações do ano. O próprio espaço que dá nome à narrativa, os esteiros, constitui um lugar intermediário e instável, à mercê das marés, onde a precariedade e instabilidade marcam uma humilhante situação de trabalho infantil, em que crianças são precocemente submetidas à condição de vagabundos, de errantes tentando viver por entre as brechas das estruturas sociais. Nestas, a exploração do trabalho é narrada como uma das formas de violência exercidas sobre a criança. A condição marginal é regida, portanto, mais pela exploração descabida de uma economia instável, que somente pelo abandono. Ao contrário dos órfãos de *Capitães da areia*, esses menores têm família. São, portanto, crianças na rua. É sob as intempéries e a crueldade do sistema de produção nos telhais, que sofrem os meninos, “num arrepio de águas e de corpos”, quando o sol fraco “não calcinava o tijolo, nem as carnes juvenis da malta” (GOMES, 1973, p. 13).

A história de Gaitinhas, Gineto, Maquineta, Guedelhas e Sagui converte-se, assim como na obra de Jorge Amado, em uma história de um sujeito coletivo. Cérebros infantis, cheios de projetos e algibeiras vazias, compõem a malta que oscila entre a alegria breve de alguns trocados e meses de privações. Os apelidos também nomeiam os personagens: Manuel, virou Maquineta, Francisco é Gineto e João virou Gaitinhas. As habilidades do primeiro e o sonho deste último resultaram somente em suas alcunhas.

Assim como em *Capitães da areia*, o carrossel e o encantamento das crianças com ele intensificam a desigualdade que cruamente exclui as crianças marginalizadas. Para usar uma conceituação marxista, um consumismo cada vez mais acentuado faz o fetiche da mercadoria invadir qualquer construção de sentido: “De lado para lado, os olhos do povo compravam tudo” (GOMES, 1973, p. 31). Gaitinhas toma consciência de sua condição, em comparação com seu amigo Arturinho, ao ouvir, da mãe tuberculosa, que teria que deixar a escola e abandonar o desejo do pai de que fosse doutor. Os meninos parecem ser mais bastante conscientes dos problemas decorrentes da falta de escolaridade.

O corpo das personagens é, geralmente, descrito em sua precariedade, de saúde e de vestes. São constantemente cobrados como adultos, algo que se anuncia na epígrafe: “Para os filhos dos homens que nunca foram meninos escrevi este livro”. Ou nas palavras do Sr. Castro: “- Vão trabalhar, que já têm bom corpo.” (GOMES, 1973, p.36). O corpo de Gineto, como forma de punição imposta pelo pai, é condenado à faina na embarcação: “Todo o seu ser cativo, menos os olhos” (GOMES, 1973, p. 42). No trabalho árduo entre homens adultos, sua juventude escoava. Com “os pés roxos de frio” e ao som do “matraquear de dentes contra dentes” (GOMES, 1973, p. 53-54), os corpos dos meninos sentem a chegada do inverno, enquanto especulam sobre (im)possibilidades de trabalho na fábrica – cujo poder é ampliado com a denominação de “Fábrica Grande” – ou no campo, que quase não distingue homens dos animais. Coca e Rosa Coxa, assim como o Sem Pernas de *Capitães de areia*, carregam marcas de deficiência física. Em um reiterado desencontro entre os corpos e o meio ambiente inóspito, crianças esperam: “no portal, à espera do caldo, só o sonho matava a fome”. (GOMES, 1973, p. 55). A miserabilidade atormenta também as mulheres e os homens, angustiados com a precariedade de dinheiro, saúde e trabalho. Adoece o corpo físico, um reflexo, uma síntese da situação social patológica em que vivem essas personagens. E os olhares de quem vive as tragédias ambientais diferem muito de quem às assiste de fora:

As cheias cobriram de água os olhos dos camponeses. Perdidas as margens, o rio fez-se mar – mar de aflições.

Mas ali no Mirante, sobranceiro à casa do Gaitinhas a gente que veio da cidade, em automóveis, não via angústias, nem olhos rasos d’água. Assentou binóculos

sobre a lezíria, e as mentes aproximaram telhados de casas submersas, telheiros desmantelados, [...]. Ao longe, dentro da capela bloqueada, a Senhora de Alcamé decerto bradava aos céus.

— Que formidável espetáculo!

[...]

— Gostava de cá voltar quando o rio estivesse mais cheio [...] (GOMES, 1973, p. 66-67).

Essas pessoas assistiam, com olhares de turista, a mudança da paisagem que, se vista de perto, revelaria mortes e lágrimas. Preocupavam-se sim, mas era com os empresários e donos de terras, que tinham prejuízos, não com a população paupérrima que vivia nestas paragens. De sua vulnerável realidade infanto-juvenil os meninos experimentam, junto a suas famílias, as agruras de cada estação, como dissemos, elementos norteadores da narrativa. Enquanto isso: “Os garotos avivavam aspirações mil vezes recalcadas. E a tristeza anichava-se entre o grupo roubando o lugar ao sonho” (GOMES, 1973, p. 116).

Os narradores de ambos os romances tratados até aqui são do tipo onisciente intruso. Esta escolha narrativa coaduna com as dimensões de um tempo discursivo em que ainda não eram postos em cheques os lugares do discurso, ao menos não com a intensidade que hoje trazem as novas demandas éticas que regem a produção literária. Os autores da primeira metade do século XX eram escritores engajados e ativistas políticos, e sua literatura eram armas de luta por seus ideais. A relação entre sujeito e objeto não havia ainda passado pelo crivo de muitas teorias que repercutirão a partir da segunda metade deste mesmo século. Como veremos a seguir, a instância narrativa dos outros dois romances apresentam outras características.

### ***O meu nome é Legião: os bairros de lata e a violência como herança colonial***

Lançado em 2007, o romance *O meu nome é Legião* tem por argumento a história de oito suspeitos de doze a dezenove anos, moradores do fictício Bairro 1º de maio, e que passam a cometer crimes nas cercanias de Lisboa. Uma das produções mais polifônicas do autor, que exhibe uma “legião” capaz de personificar uma decadência social, em todos os sentidos oposta a qualquer “esplendor”. É possível identificar uma diacronia da exclusão herdada pela colonização e pela guerra colonial, na obra de António Lobo Antunes. Desde suas obras de cunho autobiográfico: *Memória de elefante* (1979), *Os cus de Judas* (1979) e *Conhecimento do inferno* (1980), sobre sua experiência como médico combatente, até as obras mais recentes, a guerra sempre se faz presente. O romance *O meu nome é Legião* tem por tema uma condição social marginal dos nativos das ex-colônias que migraram para a antiga

metrópole. Neste sentido, o romance se encontra com a obra de Jorge Amado, também pela questão racial.

No primeiro capítulo, a descrição feita pelo personagem Gusmão apresenta um discurso eminentemente racista, que estabelece uma relação direta entre traços comportamentais e características biológicas, apoiando-se, portanto, numa apropriação rasteira do conhecimento científico, de nuances neonaturalistas, para justificar a estigmatização que impõe aos menores. Da mesma forma, a questão onomástica, em profunda conexão com as características físicas das personagens, é também ponto a ser destacado na relação entre os dois romances: o nome atribuído ao primeiro mestiço de *O meu nome é Legião* é Capitão; enquanto temos o Gato, personagem galã de *Capitães da areia*, temos o Galã, em *O meu nome é Legião*; o Loiro, no romance de Jorge Amado, pode ser associado ao Ruço, do romance de Lobo Antunes. Essas semelhanças, especialmente se considerarmos o protagonismo coletivo dos grupos de personagens de cada romance, sugere um nítido trabalho de emulação intertextual. Além disso, a própria utilização de um discurso de cunho policial no início e que se repete em alguns capítulos do romance resulta numa referência direta a *Capitães da areia*, uma vez que, na condição de paratextos, as chamadas “Cartas à redação”, escritas, por exemplo, por um secretário do chefe de polícia, por um juiz de menores e mesmo por um padre, colocam diferentes posições sociais a discutirem a questão dos menores, tidos como um “bando de creanças (sic) delinquentes” (AMADO, 1937, p. 25) e, seja como defesa, seja como ataque, acabam por ratificar o discurso que os define como pertencentes à condição de vagabundos, compartilhada pelas personagens do romance de Antunes e também pelos meninos do romance neorrealista, de Soeiro Pereira Gomes.

Numa escrita polifônica e fragmentária, Antônio Lobo Antunes produz uma obra romanesca que, à maneira de um *puzzle*, demanda decifração. Obra caracterizada também pela metaficção historiográfica, em que os processos de escrita se desvelam aos olhos do leitor. As personagens do romance, quase sempre descritas por suas características estigmatizantes, sofrem com a violência, o abandono e a incomunicabilidade, na combinação singular que o autor estabelece entre a abjeção e sua narrativa poética. Da mesma forma como ocorre nas demais obras, os personagens, na sua maioria, são violentos porque não aprenderam a ser de outra forma. A polícia, violenta, racista e corrupta, exerce o poder repressor legítimo, frente à não menos violenta ação dos jovens infratores.

No último capítulo, em períodos curtos, fala a voz de um dos menores. Alternam-se as cenas de um julgamento com as de um assalto a um minimercado. A violência coloca-se como algo cotidiano, corriqueiro até, como arrancar o aparelho ortodôntico de um estudante a canivete e descartá-lo em seguida. Brutalidade que se articula com uma forma diversa de perceber a dor e uma maneira eufemística de narrar a violência: “Os guardas usavam tubos de borracha. Uma costela minha estalou. O rim estalou também porque senti a urina. [...] Aos guardas custou-lhes

manterem-me de pé dado que os joelhos falhavam e me faltava uma parte da espinha”. (ANTUNES, 2007, p. 362). A violência se converte em condição de entendimento de si e do mundo, a ponto de a dor ser sinal de existência, como na afirmação do Hiena: “ao fim de uma semana já punha as mãos nos bolsos. A costela e o rim desapareceram. Só tenho físico quando estou doente” (ANTUNES, 2007, p. 364). Tudo o que resta a esses jovens são as múltiplas formas de dor, resultantes da violência física e simbólica que é imposta sobre seus corpos, cuja estigmatização configura uma espécie de condenação irremissível.

### ***Marginais e a condição de errância à mercê dos turistas***

Evel Rocha tem uma formação e um lugar de origem intimamente relacionados com o romance *Marginais*. O autor é formado em psicologia, teologia, pós-graduado em Desenvolvimento Local e Comunitário. Preocupado investigador de questões sociais, especialmente de gênero. Há, para usarmos as palavras do autor, um desejo de “mostrar minha ilha, [...] a última a entrar na literatura.” O autor se refere à Ilha do Sal, onde nasceu e também o local onde se passa a narrativa.

O romance conta a história de Sérgio *Pitboy*, um jovem bastante doente que entrega a um suposto editor um texto testemunhal, autobiográfico. Tem início com a apresentação deste editor, que afirma ter sido colega de liceu, na infância. Este paratexto prefaciador será de grande relevância no que se refere à questão da voz narrativa, gerando um efeito de real e, ao mesmo tempo, causando um tremor sobre a discursividade do personagem. Sérgio personifica a revolta de um povo subalternizado, num contexto de exploração turística e intensa globalização, que resulta em uma “psicose social” (ROCHA, 2010, p. 14). Esta condição marginal se relaciona com processos de crescimento das cidades em tempos de globalização e exploração turística. Tal exploração atualiza a questão da juventude vilipendiada pelo sistema capitalista. Também os menores de *Capitães da areia*, de *Esteiros* e de *O meu nome é Legião*, em diferentes tempos e espaços, encontram-se em uma “errância” de que fala Michel Mafesolli em *Sobre o Nomadismo* (2001). Apesar de constituírem grupos e pertencerem a um espaço que lhes é próprio, ainda que inóspito, eles se encontram neste não-lugar, que recusa a ordem da funcionalidade e da produção. Situam-se “contrariamente ao que prevaleceu na economia de si e do mundo, próprias do individualismo burguês” (MAFESOLLI, 2001, p. 32). Sob os valores burgueses, em cada um dos respectivos contextos históricos, são personagens “fora de si” (MAFESOLLI, 2001, p. 32). Os vagabundos, nesta perspectiva, enquanto seres “fora de si”, retomam uma relação de contiguidade com a noção de descontrole social que, em alguns casos - e é relevante mencionar aqui as mulheres, como a Doida, de *Esteiros* e a Mirna, de *Marginais* -, carrega os estigmas da promiscuidade e da loucura.

Os personagens de *Marginais* e de *O meu nome é Legião* são os vagabundos pós-modernos, no sentido que Zygmunt Bauman atribui ao termo, pertencentes, portanto, às “vagabundagens pós-modernas” do nomadismo, de que trata Michel Mafesolli. Cabem, a princípio, algumas linhas no sentido de esclarecer o uso que Bauman faz deste conceito.

Numa conferência proferida em 1995, na Universidade de Virgínia, o sociólogo polonês propôs, a partir de uma nítida inspiração weberiana, dois “tipos ideais” capazes de auxiliar a compreensão da sociedade contemporânea mediante a dimensão episódica com que se desenham experiências e relações. Estes tipos, segundo Bauman (1998, p.118), “as metáforas da vida contemporânea”, são o turista e o vagabundo. Enquanto tipos ideais, constituem modelos de compreensão social, relacionados, neste caso, à condição de “escolha”, num mundo em que os deslocamentos e a impermanência são paradigmas hegemônicos. Assim, “Os vagabundos são os restos do mundo que se dedicaram aos serviços dos turistas” (BAUMAN, 1998, p. 117). Algo sobre o que o personagem *Pitboy* demonstra ter total consciência:

Nós, os miseráveis, os marginalizados, filhos da mãe, adolescentes malparidos, ignorados, mal-acabados... morremos aos poucos atrás da cortina retratada nos jornais e nas revistas, na televisão e nos *outdoors* de campanha que dizem ao mundo que vivemos num paraíso terrestre (ROCHA, 2010, p. 133).

Salvador, na Bahia, o 1º de maio, em Lisboa e a Ilha do Sal, em Cabo Verde são lugares turísticos. E os meninos são os vagabundos desta paisagem. São existências sempre em trânsito, marcadas pelo provisório que garante a sobrevivência por um momento a mais. Segundo Lugarinho (2013, p. 220), vivem num espaço “que não oferece mais sentido”. Sérgio *Pitboy* “é resultado das condições de docilização dos corpos aqui aludidas por Foucault: seja na escola, em sua própria casa, seja nas humilhações a que ele e os de seu grupo são submetidos” (INÁCIO, 2012, p. 45). Escola, cadeia e hospital, espaços disciplinares foucaultianos, são o caminho da destruição de Sérgio. Emerson Inácio afirma como esses espaços são capazes de uma implosão de subjetividades, constituindo o romance uma metonímia de experiências coletivas vividas na ilha. O *Pitboy* enquanto testemunha dessa coletividade, materializa uma política e uma poética da marginalidade, resistente ao biopoder, ao Estado, o que de certa maneira determina sua forma de se existir, naquele contexto.

Dos quatro romances selecionados para este estudo, este narrador é aquele que se posiciona de modo mais testemunhal. Esta opção narrativa converge com estes tempos de novas demandas éticas sobre a garantia de um espaço discursivo para as vozes subalternas, ainda que o paratexto introdutório estabeleça algum condicionamento: “Alguns trechos foram suprimidos por serem demasiado realistas

e por despreverem factos que poderiam pôr em causa a dignidade de muitas pessoas da ilha” (ROCHA, 2010, p. 13). A fala de Sérgio, portanto, recebe, dentro da narrativa, uma espécie de filtro, trazendo à tona a complexa questão retórica posta por Gayatri Spivak (2010): “Pode o subalterno falar?”.

Segundo Inácio (2012), em três planos narrativos: o plano periférico (prefácio), o plano ficcional (a efabulação) e o plano factual (testemunho), “cria-se um jogo que estabelece a narrativa também como margem, já que não se encaixa plenamente dentro de nenhuma das formas a que aludimos, sendo a soma de todas elas e, ao mesmo tempo, nenhuma.” (INÁCIO, 2012, p. 48). O sujeito, ainda que personificado, traz a voz de uma condição marginal coletiva. Uma tradição de injustiça entre as diferentes classes sociais se manifesta na precariedade do que é oferecido para as crianças e jovens, que não têm atendidas suas necessidades mais básicas de sobrevivência. Sérgio diz: “Nós nascíamos com a marca da besta, carregando a sina do fracasso na escola. [...] A escola ensinou-me que sou um indivíduo incapaz e predestinado a ser ruim” (ROCHA, 2010, p. 42).

## **Considerações finais**

Todos estes romances, a despeito de suas especificidades discursivas, estilísticas e de escolas literárias às quais estejam direta ou indiretamente ligados, possuem o mérito de trazer, por linhas ficcionais, registros de diferentes tempos históricos e espaços geográficos da marginalidade a que são relegadas essas crianças e jovens. De modo mais ou menos explícito, emerge deles uma tônica denunciatória. Construindo formas de sociabilidade alternativas, em cenários de precariedade e violência, esses romances mostram uma dimensão heroica. Os personagens são os párias de um sistema econômico explorador, cruel e excludente. Uma situação que não os impede de sonhar e de lutar com suas próprias armas. Uns sucumbem, outros subvertem seu suposto destino. O narrador autodiegético do romance de Evel Rocha destaca-se por sua abordagem nada ingênua. Ele demonstra um nível de consciência bastante diferente do que vemos nos outros romances ora estudados. Ainda que possamos colocá-lo ao lado de Pedro Bala e Gaitinhas no que se refere à consciência social de suas respectivas trajetórias, Sérgio é a desesperança. Representa, aproximando-se mais dos meninos de *O meu nome é Legião*, as consequências mais aterradoras da globalização e do capitalismo na primeira década deste século.

O que buscamos evidenciar é que, à sua maneira, nos limites de seu tempo histórico e, de certa forma, também o transgredindo, Jorge Amado fazia um movimento que reverberará na obra de Soeiro Pereira Gomes; será emulado por António Lobo Antunes, em *O meu nome é Legião* e far-se-á presente no romance *Marginais*, de Evel Rocha. Todos esses romances se encontram nas esquinas da marginalidade, da qual ora destacamos sua dimensão juvenil, capaz de revelar

o grande falhanço das relações entre as camadas sociais desfavorecidas e seus governantes, em diferentes tempos históricos e espaços geográficos, assim como as consequências de um sistema econômico pautado na luta de classes e na desigualdade socioeconômica. “Em *Marginais*, o estado é cartorial, ‘pertence’ às classes mais abastadas, [...] aos ‘marginais’ não são oferecidas oportunidades de escaparem ao ‘sistema’, restando-lhes o crime, o tráfico e a prostituição” (LUGARINHO, 2012, p. 82). No escopo deste trabalho, essa constatação pode ser estendida aos outros romances. O Estado só reserva, a essas camadas sociais, opressão e negligência, enquanto os protagonistas vivem, para usarmos uma expressão de Emerson Inácio, (2012, p. 47): “um jogo entre ascensão e atavismo social”. Neste movimento, por meio de suas especificidades narrativas, cada romance nos oferece o discurso possível à sua época, mas são todos discursos preocupados com o abandono, a exploração, a marginalidade e a subalternização de uma camada de nossa sociedade que possui, em si mesma, as potencialidades de futuro, muitas vezes interrompidas de maneira trágica. Procurou-se mostrar aqui os pontos em que essas obras se encontram e se distanciam, num trânsito entre o particular de cada contexto e o universal que se refere às crianças e jovens marginalizados, heróis e vítimas da pós-modernidade, no horizonte das literaturas de língua portuguesa.

FONSECA, C. H. *From Jorge Amado to Evel Rocha: the marginalized youth in Portuguese language literature*. **Itinerários**, Araraquara, n. 58, p. 241-258, jan./jun. 2024.

■ **ABSTRACT:** *This article focuses on the forms of precariousness, physical and symbolic violence that affect a marginalized portion of youth, in four Portuguese-language novels, starring children and adolescents in situations of social vulnerability: Capitães da areia, by Jorge Amado; Esteiros, by Soeiro Pereira Gomes; Meu nome é Legião, by António Lobo Antunes and Marginais, by Evel Rocha. Each of these novels, linked to specific historical and geographical contexts, presents similarities and distances between them. The pointing out of possible interactions and convergences between these works, through the analysis proposed here, brings to light questions such as: the relationship between the 1930s northeastern novel and Portuguese neorealism; the reverberations of Brazilian modernism in Cabo Verde and the interfaces of colonial heritage, expressed in these literatures, based on their singularities.*

■ **KEYWORDS:** *Marginal youth. Jorge Amado. Soeiro Pereira Gomes. António Lobo Antunes. Evel Rocha.*



## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.
- \_\_\_\_\_. **Jubiabá**. 19ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.
- ANDRADE, Mário de. “Piá não sofre? Sofre”. In. LOPEZ, Telê Ancona (Org.). **Os melhores contos de Mário de Andrade**. São Paulo: Global, 1988.
- ANTUNES, António Lobo. **O meu nome é Legião** (edição *ne varietur*) 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BERGAMO, Edvaldo. **Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- BUENO, Luis Roberto. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo. A mídia e a adultização/erotização da infância e da adolescência. In: LEÃO, A. M. C.; MUZZETI, L. R. (Orgs.) **Perspectivas, práticas e reflexões educacionais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 243-263, 2016.
- GOMES, Soeiro Pereira. **Esteiros**. 4. ed. Lisboa: Edições Avante!, 1979.
- GUADAGNIN, Marcelo Frizon. **O Regionalismo na literatura brasileira: o diagnóstico de Antonio Candido**. Orientador: Luis Augusto Fischer. 2007. 127 f. (Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- INÁCIO, Emerson. Marginalidade, corpo, subalternidade, Evel Rocha e Marcelino Freire: à margem da margem. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 22, 43-54, DEZ/2012.
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LOUZEIRO, José. **Infância dos mortos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- LUGARINHO, Mário César. Marginalidade, corpo, subalternidade, Evel Rocha e Marcelino Freire: à margem da margem. IN. **Via atlântica**, São Paulo, n. 22, 219-223, DEZ/2012.
- MAFESOLLI, Michel. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MELO, Mário Cesar Miranda. **As crianças invisíveis na Literatura Brasileira: meninos de rua, na rua e outras crianças em situação de risco**. Provo, Utah/EUA. Birghan Young University, 2009.

REIS, Carlos. **História crítica da literatura portuguesa**: do neo-realismo ao post-modernismo. Lisboa: Verbo, 2005.

ROCHA. Evel. **Marginais**. Praia: ASA/Gráfica da Praia, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** (tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa). – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

